

PRÓLOGO

LOG# X18R

L011.N204.W087

Não sei há quanto tempo estou em fuga. Dias, semanas, talvez anos. O tempo deixou de ter forma: dissolveu-se num rasto de passos apressados, gritos atrás de mim e cicatrizes que já não consigo contar. Atravessei fronteiras, cidades, desertos, e já nem sei nomear os lugares. Só ficaram imagens soltas: uma estação gelada na Rússia, uma viela húmida em Lisboa, o reflexo do meu rosto numa janela de comboio. E sangue. Sempre sangue.

Fui espancado, esfaqueado, baleado. Ainda assim, continuei a correr. Até agora.

Estou preso a uma maca. Correias apertadas nos pulsos e tornozelos, metal a cortar-me a pele. O ferro frio cola-se-me ao corpo como algemas. Dois homens enormes, com a brutalidade gravada no andar pesado, empurram-me por um corredor estreito. Já os conheço: são os mesmos que me

perseguem há demasiado tempo. Já escapei antes. Desta vez, não.

A luz é escassa, amarelada, quase doente. As paredes parecem húmidas, cobertas de sombras e manchas antigas. Há portas fechadas em cada curva da rampa. À medida que subimos, sinto o peso do silêncio. Não sei onde estou. Poderia ser um hotel antigo, com corredores gastos pelo tempo; poderia ser um hospital, pelo cheiro agressivo de desinfetante; ou talvez uma prisão, pela forma como o espaço respira clausura. Nada faz sentido. Tudo é possível.

A cada metro, o som das rodas da maca enche o espaço — um ruído metálico que ecoa como uma sentença. Os dois homens murmuram entre si em russo. As palavras são afiadas, duras, cortam o ar. Não percebo nada. Devia ter aprendido, penso. Devia ter-me preparado para isto. Mas é tarde demais.

Então, surge algo improvável. Música.

Baixa, difusa, mas reconheço de imediato.

John Mayer a cantar «Free Fallin'». Uma versão ao vivo do conhecido sucesso de Tom Petty.

Por um instante, o mundo deixa de doer. Volto a estar com a minha guitarra, a sentir as cordas vibrarem debaixo dos dedos. Vejo as luzes de palco, ouço a multidão a cantar comigo. Murmuro a letra, com a boca seca, quase sem voz: *And I'm free... Free fallin'...*

O murro chega sem aviso.

— Zamolchi! — rosna um deles. — *Cala-te.*

A minha cabeça estala para o lado, vejo um clarão branco e sinto o sabor metálico do sangue. Mas a música continua, como se viesse de outro andar. Talvez não seja só memória.

Talvez alguém, algures neste edifício, a tenha posto a tocar. Talvez não seja coincidência.

Chegamos ao topo da rampa. Há mais luz, mais próxima do real. O coração dispara, não de esperança, mas de pavor. Nunca tive dúvidas: se este é o fim da linha, é aqui que termina.

Os homens soltam as correias e atiram-me ao chão. O corpo cai sem resistência, sem forças. Pontapés chovem sobre mim, primeiro nas costelas, depois no estômago. Encolho-me, mas a dor já faz parte de mim, como se fosse inevitável. O riso deles ecoa, cruel, como se a minha derrota fosse espetáculo.

Um deles inclina-se, sinto a respiração quente no meu ouvido.

— Está aqui alguém que há muito o espera ver.

Olho em frente. E vejo-a.

Primeiro, penso que estou a delirar. A silhueta é demasiado conhecida. É a mulher que me tem caçado, continente após continente, sempre um passo atrás, sempre pronta a destruir-me. Culpei-a de tudo. Cada esfaqueamento, cada bala, cada queda, sempre foi ela, nas minhas costas, a mover as peças.

Ela dá um passo em frente. Os olhos fixam-se em mim, firmes. Ajoelha-se ao meu lado e sorri.

— Finalmente — diz em voz baixa, doce e cruel ao mesmo tempo. — Sempre acreditei que este momento chegaria.

O mundo vacila. Não consigo fugir. Não consigo gritar. Só consigo cair.

E tudo fica negro.



Capítulo 1

3 de junho — 08:30

Edifício do *Diário de Notícias*, Lisboa

O átrio do edifício, na Avenida da Liberdade, tinha algo de intemporal. Construído nos anos 1930, era mais do que um edifício desenhado de raiz para um jornal: era um monumento à modernidade de uma Lisboa que queria ser europeia, cosmopolita, com memória e futuro. O mármore claro das paredes refletia a luz da manhã, filtrada pelas portas de vidro, e o espaço parecia respirar uma gravidade própria, como se cada voz fosse amplificada por mais de um século de história jornalística.

Na galeria principal, junto à entrada, estava o que Alexandre mais gostava naquele edifício: o monumental painel de Almada Negreiros. Era impossível atravessar aquele espaço sem sentir a força do traço modernista, os corpos estilizados dos navegadores e mercadores portugueses que chegaram de caravela a todo o mundo, a exaltação da aventura e do risco. Almada tinha pintado ali não apenas figuras, mas

uma ideia: homens como Fernão de Magalhães, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e tantos outros que, partindo da foz do Tejo, tinham aberto caminhos no mundo há mais de 500 anos, muitas vezes sem certezas de regresso. Até os aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho estavam ali imortalizados na primeira travessia aérea do Atlântico Sul.

Naquele dia em particular, a galeria estava mais movimentada do que o habitual. Técnicos afinavam focos de luz, ajustavam suportes, testavam o som. À tarde seria inaugurada uma exposição de pintura contemporânea, e Alexandre tinha o hábito de verificar tudo antes de qualquer evento. Era uma mania profissional: nada o tranquilizava tanto como ver com os próprios olhos. Por aquela galeria tinham já passado quadros de pintores reconhecidos — Pomar, Resende, Bual —, trabalhos de artistas em princípio de carreira e até desenhos de cartoonistas da imprensa portuguesa, como Sam, Vasco e António. Aquele era o jornal onde Eça de Queiroz e alguns dos maiores nomes da literatura portuguesa e do jornalismo tinham passado.

Passou devagar diante do painel de Almada. Os traços fortes, os corpos tensos, as velas estilizadas das caravelas — tudo lhe parecia carregar uma energia de partida. *Partir para o desconhecido*, pensou. Os marinheiros de então confiavam no mar como ele confiaria, horas depois, nos médicos. Uma entrega absoluta a forças que não se dominam. Sorriu do paralelismo, quase supersticioso, e afastou o pensamento com um gesto da mão, como quem espanta poeira invisível.

— Está tudo pronto? — perguntou a Camila, que tratava dos eventos e ultimava a exposição.

— Quase. Só falta virem entregar a placa de sinalização para colocar lá fora, mas chega a tempo. — A jovem falava com segurança, enquanto alinhava catálogos sobre uma mesa.

— Perfeito. — Alexandre acenou e respirou fundo, uma última vez, diante do painel de Almada. Sentiu que aqueles olhos pintados o seguiam, e não soube se era uma bênção ou uma premonição.

Subiu depois para a sala de reuniões do 3.º piso, onde trabalhava a equipa de *marketing* de um dos maiores grupos editoriais portugueses. A sala tinha ainda o rumor dos dias grandes: as campanhas lançadas, as negociações difíceis, as madrugadas a fechar projetos. Para ele, aquele espaço era quase casa. Colocou a mochila ao lado da cadeira e ficou alguns segundos sozinho, a olhar para a televisão desligada. Pareceu-lhe ver-se dividido em dois: o homem que controlava tudo e o homem prestes a entregar o corpo a outros.

Pouco depois começaram a entrar os membros da sua equipa mais próxima. Elisa, a sua sombra diária, conhecia-lhe todas as rotinas. Leonor, calma, mas com o ar de quem o dia já tinha começado horas antes e estava a equilibrar urgências que lhe tinham sido pedidas pelo diretor do jornal que dava o nome ao edifício. Alice, sempre com uma gargalhada fácil, ainda vinha a contar uma história do dia anterior que se tinha passado na rádio do grupo, a TSF. E Frederica, telemóvel numa mão, agenda na outra, veio diretamente mostrar-lhe os últimos esboços de uma nova campanha para um dos outros vários títulos do grupo, o *24 Horas*. Cada uma cumprimentou-o com um «bom dia» breve, e as cadeiras arrastaram-se numa coreografia conhecida. Perguntou à Elisa se a Clara estava em *call* — ela geria

o *marketing* dos vários jornais do grupo, com sede no Porto. Camila tinha-se, entretanto, juntado à reunião vinda da galeria.

Alexandre abriu o *tablet*. Escrito na véspera, lia-se: «Plano Semanal (Sem mim)». Prioridades, responsáveis, prazos. Tudo distribuído com rapidez, eficiência e rigor. Esta era uma equipa muito habituada a trabalhar com ele. E este era o seu modo de liderar: deixar a engrenagem a funcionar, total confiança na equipa, mesmo na sua ausência.

— Então, chefe — disse Elisa, sorridente —, pronto para a vida boa? Uma semana de spa, televisão e sumos?

— Só se os sumos vierem com Wi-Fi — respondeu Alexandre, arrancando risos. — É uma laparoscopia. Uns pequenos furos, dois ou três dias de repouso, e volto. Talvez com mais juízo, o que será uma novidade para vocês.

A leveza na voz estava lá, descontraída como sempre. Não tinha receio de hospitais, já tinha feito outras cirurgias e esta prometia mudar a sua vida dramaticamente e, portanto, estava no mínimo expectante. Mas liderar também era isto: sorrir mesmo quando se está preocupado, principalmente quando vamos deixar a nossa equipa.

Seguiram-se os temas da semana. Frederica confirmou o fecho do orçamento das suas campanhas. Clara falou da reunião com parceiros do Norte para novos projetos que tinham sido discutidos com o diretor do *Jornal de Notícias*. Leonor mencionou dois pedidos feitos pela direção editorial para os próximos dias e Alice deu nota dos últimos preparativos para um evento. Alexandre fez alguns comentários e respondeu com rapidez, como sempre. Queria que todos saíssem dali com a sensação de continuidade, não de pausa.

O telemóvel vibrou. Mensagem de Maria: «Já a caminho? Precisas de alguma coisa?»

Ele respondeu: «Mais dez minutos. Estou a sair. Não te preocupes.»

— Antes de fecharmos — disse, olhando a equipa com atenção —, queria pedir-vos só uma coisa: não parem. Se eu não atender, insistam. Se eu não puder, decidam. Errar faz parte. Adiar, às vezes, não.

Leonor ergueu os olhos do caderno.

— Vai correr bem.

Ele agradeceu com um gesto silencioso.

A reunião terminou como tantas outras, com *laptops* a fechar, sorrisos e despedidas rápidas. Mas, quando ficou sozinho, Alexandre demorou-se. Passou a mão sobre o tampo da mesa de madeira, como quem se despede de um território. Depois apagou as luzes e desceu pelo mesmo átrio.

Aquele edifício sobrevivera a governos, revoluções, censuras e mudanças tecnológicas. Por aqueles corredores tinham passado escritores, artistas e jornalistas que ajudaram a construir parte da memória coletiva portuguesa.

Às vezes, Alexandre imaginava quantas histórias tinham começado naquele edifício muito antes da Internet existir.

Ao atravessar de novo a galeria, lançou um último olhar ao painel de Almada. Os navegadores estavam ali, em marcha eterna, partindo para mares abertos sem garantias de regresso. Alexandre sorriu.

— Até já — murmurou, antes de sair para a luz intensa daquela manhã de junho.